

CARTAS INÉDITAS DE MIRCEA ELIADE A ALFREDO PIMENTA  
(1941-1949)

Introdução

Numa época conturbada da Europa<sup>1</sup> em que resultava a conseguida estabilidade política-social portuguesa<sup>2</sup>, Mircea Eliade e Alfredo Pimenta trocam correspondência de que se publica a endereçada ao segundo. Dois intelectuais que a insaciável curiosidade de Eliade<sup>3</sup> fez encontrar em Lisboa<sup>4</sup> quando aqui chegou para desempenhar as funções de Secretário de Imprensa da Legação da Roménia e, depois, de Adido Cultural (1941-1944).

Aproximou-os como se poderá ver pelas cartas que agora se publicam, uma veneração partilhada pela cultura erudita e uma aflição comum pela sorte da Europa cuja unidade cultural e hegemonia viam perder-se às mãos do materialismo protagonizado pelos soviéticos (caso do escritor romeno) e do individualismo estreme que as democracias, sob a bandeira da famosa tríade da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, introduziram na ordem europeia (caso do escritor português). Por prismas diferentes chegavam a conclusões idênticas: era preciso salvaguardar a Europa dos seus traidores.

Pela própria força das circunstâncias, Mircea Eliade, que era um viajante infatigável, um cosmopolita assumido e que trilharia briosamente as sendas do exílio durante a segunda metade da sua longa vida<sup>5</sup>, olhava para a Europa sobretudo a partir da sua nacionalidade, vendo, na mais que provável subjugação da Roménia ao imperialismo soviético, a ruína da velha civilização definida como cristã e latina. Ao invés, Alfredo Pimenta<sup>6</sup>, cujas viagens foram unicamente através das leituras a que incansavelmente se dedicava (ao estrangeiro foi uma única vez – à Galiza – no verão de 1938) reagia mais imediatamente, como europeu, vendo na propagação das ideologias democráticas a estratégia dos imperialismos yankee e soviético para a partilha da Europa<sup>7</sup>.

---

<sup>1</sup> A II Guerra Mundial (1939-1945)

<sup>2</sup> O Estado Novo (1933-1974)

<sup>3</sup> CIORAN, E. M., «Les débuts d'une amitiè», Cahiers de l'Herne, Ed. L'Herne, Paris, 1978.

<sup>4</sup> Carta de Eliade a A. P. de 2 de Julho de 1941 e artigo de Alfredo Pimenta «Roménia Erudita» in *A Voz* de 17/6/1943.

<sup>5</sup> Mircea Eliade nasceu em Bucareste a 9 de Março de 1907 e morreu em Chicago (EUA) em 1986.

<sup>6</sup> Alfredo Pimenta nasceu em Penouços, Guimarães, a 3 de Dezembro de 1882 e morreu em Lisboa em 1950 (15 de Outubro).

<sup>7</sup> PIMENTA, Alfredo, *Em Defesa da Portugalidade*, Braga, 1947.

Quando morre um homem público que, além da notoriedade, granjeou a simpatia geral por determinados aspectos da sua actividade, fazem-se balanços acerca da sua personalidade, perscrutando as facetas da sua vida, das suas opções, esperando encontrar nelas a mais radical coerência. Por maioria de razão esse interesse aumenta quando se trata de intelectuais cuja obra logrou atingir largos sectores do público.

Está neste caso Mircea Eliade que chamou a atenção do seu tempo para elementos culturais esquecidos ou subestimados como o sagrado, o símbolo, o mito. Atento ao encontro cada vez mais intenso de civilizações tão díspares na interpretação do mundo e do tempo, como as civilizações ocidental e orientais e etnológicas, Eliade analisa o fenómeno do «homo religiosus», uma das mais constantes das manifestações da história da humanidade, contrastando com o homem a-religioso, produto da civilização do ocidente. Baseando-se em largos estudos de investigação sua e de autores especializados em ciências humanas afins, Eliade conclui que o fenómeno religioso é um elemento estrutural da consciência e não um estágio histórico dessa consciência. Dentro das normas metodológicas da ciência moderna, procurou definir fenomenologicamente o sagrado que, com o símbolo, considera uma das vertentes do fenómeno religioso, abstraindo da sua condição histórica, psicológica e sociológica. Para tal, encontrou a sua definição tipológica e morfológica para poder perceber a sua trans-historicidade e assim despertar o homem de hoje para o seu sentido<sup>8</sup>.

Gilbert Durand coloca Mircea Eliade a par de C. Jung no «processo da lenta e segura remitologização exigida tanto pela exangue fé positivista como pela civilização desorientada que ela produziu. Ambas levaram a bom porto, dum modo irreversível, a queda dos valores esgotados, pressentida por Nietzsche e pelas violentas contestações filosóficas do nosso tempo ou ainda pelo estalar do materialismo dos lados de Francfort...»<sup>9</sup>.

A vida de Eliade, no seu decurso, foi directamente interceptada pelos conflitos ideológicos e políticos em que a Europa se degladiou durante o século XX. Depois de desempenhar funções de representação do Estado Romeno em Londres e Lisboa<sup>10</sup>, passou à condição de exilado no final da guerra até à sua morte<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> RIÉS, Julien, *Histoire des Religions. Phénoménologie, Herménêutique in Mircea Eliade*, Cahiers de l'Herne, Paris, Ed. de L'Herne, 19978.

<sup>9</sup> DURAND, Gilbert, *Eliade ou l'Anthropologie Profonde*, *ibid.*

<sup>10</sup> Adido Cultural junto da Legação Real da Roménia em Londres de Março de 1940 a Setembro desse mesmo ano; Secretário de Imprensa e Adido Cultural junto da Legação Real da Roménia em Lisboa, de Janeiro de 1941 a Setembro de 1945.

<sup>11</sup> A partir de 1946 habita em Paris e vive largas temporadas em Chicago, onde, e depois de 1957, alcança vários graus na carreira de professor da Universidade de Chicago, cidade onde vem a morrer em 1986.

Algumas das cartas que endereça a Alfredo Pimenta glosam a evolução da guerra que então dividia a Europa e o mundo, e nessas referências podem encontrar-se justificativas para o seu modo de actuar nesse campo (os seus comentadores *post-mortem* enfrentaram com reservas as suas opções políticas e sobretudo a indiferença que lhe mereciam quando instado a aludir-lhes). Também nesta correspondência se reflete a recepção que a intelectualidade portuguesa fazia aos seus congéneres estrangeiros e ainda um dos aspectos da personalidade de Eliade mais enaltecidos pelos seus amigos e que era a atenção gentil que dispensava àqueles dos seus interlocutores que, como ele, tinham paixão pelo saber-erudito<sup>12</sup>. Afigura-se assim, de interesse a sua publicação<sup>13</sup>.

Eliade ao chegar a Portugal contava 34 anos de idade e trazia já consigo um curriculum de peso. Na sua Roménia distante, durante a juventude, preencheria sadiamente a função de iconoclastia e irreverência, próprias da idade, junto da geração que o precedia. Seguindo a descrição do romeno Basil Munteano<sup>14</sup> verificamos que na Roménia dos anos Vinte, toda uma geração se agitara contra os valores que a anterior lhe havia legado, zurzindo-os e aos que os haviam proposto, tentando encontrar em ardentes debates filosóficos e vertiginosas experiências inovadoras, a saída para um mundo ‘novo’, redentor dos males encontrados. O relativismo e o vitalismo filosóficos haviam sido as armas utilizadas. Munteano comenta: «para lá dos lugares comuns e do efémero, cada qual proclama a lista dos valores práticos e positivos desdenhando ‘verdades’ científicas e sistemas abstractos (...)».

Entre essa juventude, o autor aponta Mircea Eliade: «tal era antes de ter trinta anos Mircea Eliade – os seus romances e confissões levaram a apressados e abruptos pequenos livros como *Solilóquios* (1932) e *Oceanography* (1934), fruto de um esforço patético para atingir através de si próprio as profundas fontes da vida universal. Estas são divagações que o autor eleva à posição de método introspectivo. Dotado de subtilidade e lucidez, ele empreende milhares de experiências interiores, queda-se esperando pelas suas reacções, anda à volta de si próprio, pronto para recusar tudo e sempre pronto para demolir o que acaba de defender (...)». «O caso do sr. Eliade é balançar-se entre o ascetismo e a *débaucherie* sensual, opondo à ruína da vida uma espécie de optimismo pânico e extraíndo do seu profundo desespero uma razão de esperança, de luta, de gritar com alegria»<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> CIORAN, E. M., *Les débuts d’une amitié*, *op. cit.*

<sup>13</sup> 24 Peças das quais 3 são bilhetes de circunstância, datadas todas de Lisboa, com excepção das duas últimas, que provêm de Paris, em 1947 e 1949. A língua em que são escritas é o francês e o maior número é de 1943 a 1944.

<sup>14</sup> MUNTEANO, Basil, *Modern Rumanian Literature*, 1939, volume que consta na Livraria de Alfredo Pimenta com dedicatória de Eliade.

<sup>15</sup> *Op.cit.*

Desta fase de jovem intelectual, Eliade evolui e, ao aproximar-se da idade adulta, escolhe a vida literária do romance, demonstrando «ser um homem à procura de si e das suas razões de ser, uma boa vontade infinita para as suas ínfimas reacções face aos grandes acontecimentos do mundo; uma nostalgia inumana de algo mais do que seria preeminentemente ‘autêntico’, uma lucidez implacável para a auto-análise, a coragem para viver as mais variadas, livrescas, satânicas, extáticas, puras e escabrosas experiências. Estes são os meios de investigação deste complexo e paradoxal intelectual, em estado de perpétua tensão interior. Ele é representativo de uma geração inteira, que é já um pouco aquela de ontem»<sup>16</sup>.

Entrando na idade adulta, Eliade faz parte do corpo docente da Universidade de Bucareste<sup>17</sup> depois de quatro anos de permanência na Ásia<sup>18</sup> e em 1938 começa a publicação de «Zalmoris, Revue des Études Religieuses»<sup>19</sup> que o conflito europeu interromperá.

Quando Eliade chega a Lisboa, a Roménia que ele vem representar é a Roménia do Rei Miguel<sup>20</sup> e do Conductor Antonesco<sup>21</sup>, embrenhada na luta contra a URSS, convicta de desempenhar uma missão histórica, determinada pela sua identidade latina e pela sua posição geopolítica, no sudeste europeu, junto à embocadura do Danúbio, «o oitavo mar da Europa».

Durante a sua estada no nosso país, Eliade escreve para os portugueses uma apresentação da sua pátria. O título que dá a essa publicação é apelativo, dado que coloca os romenos em paralelo connosco<sup>22</sup>. Nós, latinos no ocidente da Europa, eles, latinos no leste europeu. Nós autores de uma saga de alargamento do espaço europeu, eles protagonistas numa saga de defesa desse mesmo espaço. Na base, o

---

<sup>16</sup> *Op. cit.* Na sequência desta análise que merecerá uma alusão cautelosa de Mircea Eliade junto de Alfredo Pimenta (cartas de 24 e 26 de Fevereiro de 1943), o autor romeno indica alguns romances de Eliade que coloca na linha de Freud, Proust e Joyce, destacado *Mattreyyi* (Bucuresti, Editura Nationala, 1933), que apresentando manuscrito ao concurso de melhor romance inédito, ganha o prémio e é publicado em Maio desse ano; alcançará depois grande sucesso no estrangeiro.

<sup>17</sup> Em 1933 é nomeado assistente de Nae Ionesco, professor de Lógica e Matemática.

<sup>18</sup> De 20 de Novembro de 1928 a Dezembro de 1931 vive na Índia.

<sup>19</sup> Paris, 1938, Payot; Alfredo Pimenta no artigo «Roménia Erudita» in *A Voz* de 17/6/1943, refere-se a esta revista.

<sup>20</sup> Miguel da Roménia subiu ao trono em 1927, sucedendo a seu avô Fernando, na sequência da abdicação de seu pai imposta pelo falecido monarca; deposto pelo pai em 1930, regressou ao trono em 6/9/1940, graças ao golpe de Estado das «direitas» que afastaram Carlos II do trono.

<sup>21</sup> ANTONESCO, Ion (1882-1946) marechal e ‘conductor’ em 1940, investido de poderes dictatoriais, Primeiro-Ministro e Ministro da Defesa; preso como consequência do golpe de Estado, é entregue às autoridades soviéticas, pronunciado criminoso de guerra e fuzilado.

<sup>22</sup> ELIADE, Mircea, *Os Romenos, Latinos do Oriente*, trad. Eugénio Navarro, Livraria Clássica Edit., Lisboa, 1943. Existe na livraria de Alfredo Pimenta um volume com a seguinte dedicatória do autor: «A mon Cher Maître Alfredo Pimenta, que m’a revelé le genie national des Portugais, cette introduction dans l’histoire des roumains avec les sentiments d’admiration et reconnaissance de l’auteur» - Mircea Eliade, Lisboa, 16/2/1943.

cumprimento heroico de uma missão que, sendo nacional, transcende a própria nacionalidade para entrar na esfera do civilizacional: a Europa, espaço contido nas suas extremidades por povos latino-cristãos, o que a vincula a um determinado modo de ser, posto em perigo pela guerra que então grassava<sup>23</sup>.

Eliade explica que os romenos, latinos pela sua longínqua ascendência – os geto-dácios – convertidos ao cristianismo aquando da romanização nos séculos II e III, haviam mantido a sua latinidade ao longo dos tempos apesar de todas as adversidades. Fora o caso da cisão do Império Romano que projectara aquela zona do sudeste para fora da órbita romana sem que os romenos perdessem no entanto a sua tradição, indo ao ponto de, no século IV, essa zona ser conhecida como Romania; o mesmo sucedera com as invasões dos bárbaros dos séculos VI e VII e as arrancadas dos turcos no século XIII. A tudo a sua latinidade havia resistido. Já em pleno século XX, tinham dado provas da sua fidelidade aos valores latino-cristãos, quando dominaram as revoluções comunistas de 1917 e 1919 no seu território, impedindo a sua irradiação para a Áustria, Polónia e Checoslováquia. Tal constância devia-se, na pena sedutora de Eliade, à sintonia existente entre os valores cristãos e a própria ténpera dos romenos. Segundo ele, a mundividência optimista do cristianismo em que o bem há-de triunfar do mal, em que todos os planos se interligam sob a batuta de um único director divino, casava perfeitamente com o sentido da esperança, profundamente arreigado nos romenos que encontravam no cristianismo o desprezo pela morte, a certeza da imortalidade da alma e a serenidade no sofrimento.

Toda a história dos romenos era uma história de resistência. Eliade enquadra-a nos conceitos de ‘papel’ a desempenhar pelos povos na história, definido pelas tradições ou situação geopolítica, e de ‘alma’ que é o espírito que preside à realização da história, espécie de tónus que dá aos actos a sua forma e intensidade.

Os romenos, como povos situados na ponta leste europeia, junto à foz do rio Danúbio, cumpriam a função de defesa da liberdade internacional daquele grande rio, para o que era necessário o equilíbrio político no sudeste europeu. Desempenhavam-se desta missão com grande heroicidade; a sua alma levava-os a preferir morrer do que desistir<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Carta para Alfredo Pimenta de 1 de Setembro de 1943.

<sup>24</sup> Não era certamente por acaso, esclarecia Eliade que os romenos se identificavam na lenda de Mestre Manole e no poema *Miorita*, ambos traduzindo a imolação subjacente aos ritos da construção. Com efeito, Manole era o artesão que dirigia a construção da bela catedral de Cirtea de Arguesh, que todas as noites se desmoronava, obrigando a um constante e sempre gorado recomeço. Uma noite, compreendendo que a alma que todo e qualquer objecto tem, exigia para encarnar, a imolação de um ser vivo. Manole prometeu emparedar, viva, a primeira pessoa que na manhã seguinte se aproximasse das obras da catedral. Porém, nesse dia, quem vem na direcção da catedral é a sua própria mulher que, acompanhada do filho de ambos, lhe trazia a refeição. Aterrado, o mestre pede a Deus o milagre de a fazer desistir do seu intento. É ouvido, Deus desencadeia uma tempestade terrível. No entanto a mulher persiste e, Manole, cumprindo, sacrifica-a e à criança, conseguindo deste modo a construção definitiva da catedral. O poema *Miorita* é do mesmo género de

Povos de fronteira, os romenos desempenhavam o seu papel histórico, imolando-se, combatendo em situação permanente de vida ou de morte, cientes da transcendência da sua função. A sua vida processava-se em condições tão precárias, que até a sua arte se ressentia disso não se materializando em obras imorredoiras para as quais não tinham tempo. Apenas produziam pequenas obras, em materiais perecíveis, como a madeira ou os metais nobres, vulneráveis facilmente. Eliade consolava-se com a ideia de que a arte, como todos os organismos, necessitava alimento, que neste caso particular de criação artística, era o próprio génio artístico, sempre em renovação e inovação.

No entanto, esta função da Roménia, através da história da Europa, não era reconhecida. Havia bem pouco, acusava Eliade, a Áustria não hesitara em adquirir uma parte da Moldávia, abusivamente chamada Bucovina, e a URSS em ficar com a Bessarábia depois de a tirar à Turquia<sup>25</sup>. É que a Roménia desempenhava na história um papel «imanifesto, ou seja, um papel que passava despercebido aos olhos da civilização; no entanto, ela cumpria, naquele momento, no grave conflito que punha em risco o espaço contido a ocidente e a oriente por latino-cristãos, a sua função; e, com satisfação, Eliade sublinha o travão que recentemente havia posto no expansionismo soviético, recuperando uma parte da Moldávia e expulsando de lá o exército vermelho<sup>26</sup>.

Porém, a evolução da guerra, durante a sua permanência em Lisboa, e o conhecimento que tinha da diplomacia europeia, aflige-o e perturba-o. Em 1 de Setembro de 1943, na carta que endereça a Alfredo Pimenta, comenta: «Muito poucos se apercebem do verdadeiro perigo, o único *perigo* que ameaça não apenas a Europa, mas a própria História porque os vermelhos querem dar cabo de tudo, para recomeçar uma nova etapa na vida da humanidade depois de terem regressado ao caos inicial. As coisas são muito claras. Mas parece que o *homo europoeus* atravessa uma fase de imbecilidade crónica. Está não apenas cloroformizado, ele arroja-se pateticamente aos pés do seu carrasco. Na Roménia, sabemos qual será o nosso fim se os vermelhos ganharem. Esta consciência do perigo mortal explica a razão de lutarmos ainda, depois de termos perdido metade do nosso exército na Rússia e embora os nossos vizinhos do Norte, os Húngaros, não tenham perdido senão a vigésima parte e eles ameaçam-nos por vezes de ocupar a Transilvânia. Mas que podemos fazer perante o colosso que perde 15.000 tanques sem franzir o sobrolho?

---

intenção e conta a história de um pastor que prefere morrer para salvar as suas ovelhas de uns ladrões do que seguir os avisos dos que o aconselhavam a fugir...

<sup>25</sup> 2 de Julho de 1940, a URSS ocupa a Bessarábia e a Bucovina.

<sup>26</sup> ELIADE, Mircea, *op.cit.*

Voltando ao assunto, o momento é extremamente grave. Penso que a crise atingirá o seu climax em Novembro. Se esse momento passar, talvez possamos de novo ter esperança»<sup>27</sup>.

Era este Mircea Eliade, inquieto, que aportou a Lisboa para desempenhar as funções de Conselheiro Cultural da Legação da Roménia, vindo de Inglaterra. Pelas cartas que dirige a Alfredo Pimenta em que comenta os assuntos da Europa, depreende-se que sentia a sua civilização doente e a sua pátria em perigo. Uma e outra estavam no seu sangue. À primeira, via-a distraída e pouco esclarecida; à segunda, senti-a como um corpo vivo, uma *via crucis* solitária e incompreendida, cordeiro sacrificando-se num templo conspurcado por vendilhões. Foi este Mircea Eliade que encontrou em Alfredo Pimenta um interlocutor empático.

Alfredo Pimenta situava-se no panorama da intelectualidade portuguesa no seu quadrante da direita. Como político, era monárquico tradicionalista de cariz maurrassiano e integralista, apoiante do Estado Novo enquanto regime de inteligência e possível ponte para a restauração da monarquia<sup>28</sup>; anti-americano e anti-russo, portanto não anglófilo, defensor do Eixo por mais genuinamente europeu<sup>29</sup> e, por consequência, anti-semita.

No campo da religião, professava o catolicismo tridentino, avesso aos progressismos da época<sup>30</sup>. No capítulo das artes, defendia a arte pela arte, pouco intelectualizada, sensitiva<sup>31</sup>; nos domínios do conhecimento, a erudição seria a base fundamental do saber<sup>32</sup>. Afirmava os seus pontos de vista com grande rigor lógico e colorido de expressão em jornais, livros, opúsculos e, inclusive, tomadas de posição pública que não o deixavam passar despercebido e lhe valiam ou apoios entusiasmados ou ódios profundos.

Quando Mircea Eliade chega a Lisboa, o que os faz conhecerem-se é o artigo de Pimenta publicado em *A Voz* de 29 Junho de 1941, intitulado «O Inimigo Nº 1»<sup>33</sup>. Alfredo Pimenta contava então 59 anos de idade. Para trás de si tinha um esforço tenaz de auto-construção. Oriundo de uma terra minhota do concelho de Guimarães, Penouços, São Mamede de Aldão, onde o «sussurro dos pinheirais embala o suceder

---

<sup>27</sup> Carta de Eliade para Alfredo Pimenta, traduzida para português para esta transcrição.

<sup>28</sup> A vasta obra de Alfredo Pimenta expressa em livros, artigos de jornal ou ainda, opúsculos, sendo estes últimos um dos meios mais utilizados por ele para atingir o público, quando por força das suas opiniões, se lhe tornava difícil conseguir editores ou jornais para o fazer, orienta-se para a defesa destes princípios. A sua mais completa bibliografia encontra-se no *Terceiro Volume dos Estudos Filosóficos e Críticos*, Livraria Cruz, Braga, 1958.

<sup>29</sup> *Ibid.*

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> *Ibid.*

<sup>32</sup> *Ibid.*

<sup>33</sup> Carta de Mircea Eliade a Alfredo Pimenta, de 2 de Julho de 1941.

das estações e o cantar de inúmeras fontes acompanha as solidões»<sup>34</sup>, partira cedo, cerca dos dezasseis anos à conquista de si próprio e do saber num mundo que se chamava Coimbra e se institucionalizava na Universidade, mais concretamente na Faculdade de Direito<sup>35</sup>. Da sua educação católica, conservadora e tradicional, com interesses literários, caiu desamparado no bulício dos costumes e das ideias. Foi «clássica» a sua evolução: de cristão penitente e devoto passou a ateu impertinente e mordaz. Abandonou a crença na monarquia constitucional e substituiu-a pela anarquia, pela revolução, chegando ao êxtase da afirmação do seu individualismo. O mundo começou a ter as dimensões das suas variadas experiências vivenciais. Foi com esforço que se orientou nele. Valeu-lhe, por um lado, a sua extraordinária força de vontade que o levou para uma vida disciplinada de labor intelectual intenso e, por outro, o seu encontro com a filosofia positivista pela mão de Teófilo Braga, que lhe facultou a possibilidade de um conhecimento sistemático<sup>36</sup>.

Estudioso profundo, embrenhou-se no comtismo propriamente dito, o que o levou a dissidir progressivamente dos republicanos seus correligionários dos primeiros quinze anos do século e a revestir o seu conservadorismo com a forma monárquica<sup>37</sup> assente numa sociedade corporativizada em que o «progresso» seria o desenvolvimento da «ordem» sem ruptura nem revoluções. A ordem era definida pelo «passado», pelo que o «progresso» seria o aperfeiçoamento das instituições cujo aval era o próprio tempo. Defendia assim as instituições em que, por exemplo, o catolicismo tinha, ao lado da família paternalista e da sociedade rural, um grande peso.

Estas posições que o colocavam à revelia das correntes de opinião dominantes na sua época, pressupunham uma concepção do saber que justificava a sua teoria da participação exclusivamente consultiva e corporativa do povo na política. Para Alfredo Pimenta o saber não estava ao alcance de todos, não só pela exigência que lhe era inerente, como pela angústia que provocava. «Para saber, já o dissemos, não basta querer: é preciso poder. E, para poder, é preciso primeiro inteligência, depois vagar para a cultura; e em terceiro lugar, persistência na cultura acompanhada de juízo crítico»<sup>38</sup>. Além disso, quem se dedicava às lides do saber, tinha a noção de quão efémero e relativo ele era, provocando intranquilidade e angústia. Por isso, paternalmente, Alfredo Pimenta, não achava mal que houvesse gente que passasse pela existência sem conhecer esses tormentos e se realizasse «naturalmente» na satisfação do cumprimento dos deveres simples e no respeito pelo que era sagrado e

---

<sup>34</sup> Memórias Inéditas da Casa da Madre de Deus.

<sup>35</sup> Ingresso em 1899 na Faculdade de Direito e termina o seu curso em 1908.

<sup>36</sup> ALMEIDA, Eduardo de, «Alfredo Pimenta», in *Ala Moderna*, Setembro de 1903 e PIMENTA, Alfredo, in *Evolução de um Pensamento, auto-biografia filosófica*, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1935.

<sup>37</sup> O seu conservadorismo acentua-se a partir de 1911: *Aos Conservadores Portugueses*, Livraria Editora, Lisboa, 1911. Em 1915, desliga-se da República e declara publicamente a sua adesão à Monarquia in *A Solução Monárquica*, Ed. do Autor. Porto, 1915.

<sup>38</sup> PIMENTA, Alfredo, *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1935.

tranquilizante – Deus, a Pátria e o Rei – deixando as dores e as incertezas intelectuais para os que se viam confrontados com a necessidade do saber.

Porque pertence a esta espécie, refugia-se na sua «Torre da Ilusão»<sup>39</sup>, entre os gritos dos pavões atormentados ao jeito do decadentismo em que esteticamente se encontrou e detesta as multidões, a turba, a praça pública, o número, o eleitoralismo. Isto não significa, no entanto, desistência do trabalho e do estudo para «perceber» e «orientar», porque, na sua concepção, a vida não permitia a inacção por mais contingente que a acção humana pudesse parecer face à inexorabilidade da História. Embora no seu entender, os factos fossem superiores às determinações humanas, tal fatalismo, quando bem compreendido, não podia levar à inacção; bem pelo contrário, estimulava a acção, a luta, para tentar compreender e perceber<sup>40</sup>. É por isso que vota a sua vida ao estudo e ao esclarecimento.

Este modo de pensar reflectia-se no seu quarto de trabalho em que o tampo da secretária – onde escrevia em ascéticos linguados de papel com caneta de pena e tinteiro e uma característica caligrafia, um dia comparada pelo Rei D. Manuel II a notas de música, utilizando a ortografia de tendência etimológica anterior à reforma ortográfica de 1911<sup>41</sup> - estava amuralhado por uma compacta fila de dicionários dos vocábulos e conceitos necessários à rigorosa arquitectura da linguagem e do pensamento. A sua secretária parecia assim uma espécie de altar onde oficiava o culto da ciência, consciente embora «que a todas as razões se opõem outras razões», na senda de Sexto Empírico<sup>42</sup>. À sua volta, neste quarto e por toda a casa, inúmeras estantes carregadas de livros de capas despreziosas, constituíam a vasta e sempre actualizada bibliografia dos variados temas que enquadravam o homem na sua condição de descobridor de Deus e construtor da História.

Embora tivesse desempenhado vários cargos públicos na sua vida<sup>43</sup> e fosse licenciado em Direito, Alfredo Pimenta gostava de definir a sua profissão como «estudante»<sup>44</sup>. Num notável estudo que dedicou à análise do seu pensamento, António José de Brito

---

<sup>39</sup> PIMENTA, Alfredo, *Na Torre da Ilusão – Versos*, F. França Amado (Ed.), Coimbra, 1935.

<sup>40</sup> PIMENTA, Alfredo, *Política Monárquica*, Empresa Lusitana Editora, Coimbra, 1917; *Ibid.*, *Contra o Comunismo – Análise Comparativa das Encíclicas «Mit Brennender Sorge» e «Divini Redemptoris»*, Ed. do Autor, Lisboa, 1944.

<sup>41</sup> BOURDON, Albert Alain, «Ortographe et Politique sous la Première République Portugaise», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol X, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1976.

<sup>42</sup> O seu último ex-libris; para a sua justificação, do autor: *Na Sociedade Nacional de Belas Artes* (A navalha em acção), Ed. do Autor, Lisboa, 1950.

<sup>43</sup> Professor no Liceu Passos Manuel, Lisboa, de 1911 a 1913; 2º Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de 1931 a 1947, altura em que passa a 1º; Director do Arquivo Municipal de Guimarães de 1931 até à sua morte; Vogal da Comissão Central do Conselho Superior de Instrução Pública entre 1933 e 1936, ano em que pede a demissão; Director da Torre do Tombo, de 1949 a 1950.

<sup>44</sup> Testemunho da sua neta, Drª Maria da Madre de Deus Viegas Pimenta Reynolds de Sousa e in *A História de Portugal do Sr. António Sérgio*, Ed. do Autor, Lisboa, 1941.

atribui o seu gosto pela erudição à progressiva desilusão pelo conhecimento científico que o terá conduzido para um «cepticismo teorético acentuado»<sup>45</sup>.

A aproximação entre Eliade e Alfredo Pimenta, fez-se, pois, com base numa preocupação similar pela Europa e na paixão pela erudição. A idêntica sensibilidade ao drama europeu e a mútua consideração pela estatura de intelectual que reciprocamente se atribuíam, criou, como se pode ver pelas cartas que agora se publicam, a empatia que explica a correspondência trocada.

*Maria Teresa Viegas Pimenta*\*

In Revista *Brotéria*, Vol. 138 - Nº 3 – Março de 1994, pp. 365-392

NOTA: Reproduz-se aqui apenas a Introdução do estudo de MTVP, seguindo-se, no citado nº da *Brotéria*, a transcrição integral anotada pela mesma autora, de 24 cartas de Mircea Eliade a Alfredo Pimenta, cujos originais fazem parte do espólio epistolar deste escritor, doado por Maria Teresa Pimenta ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, em Guimarães. Cf. *Catálogo “Alfredo Pimenta – Correspondência recebida”* vol. I, Guimarães, AMAP, 2015.

---

<sup>45</sup> BRITO, António José de, «O pensamento de Alfredo Pimenta», in *Futuro Presente*, número especial, 21/22 de Abril, Junho de 1958.

\*Licenciada em Histórico-filosóficas. Professora do Ensino Secundário. Neta de Alfredo Pimenta.